

ESPACIALIDADES GAYS EM BARES E BOATES DA NOITE CURITIBANA

Mayã Polo de Campos¹
Joseli Maria Silva²
Marcio José Ornat³

O presente trabalho tem por objetivo compreender a relação entre espacialidades e grupos gays a partir de bares e boates na cidade de Curitiba – Paraná. Assentamo-nos na necessidade de subsidiar a inclusão da perspectiva de gênero e sexualidades na produção científico-geográfica brasileira, pois como argumentado por Ornat (2008) é pequena a quantidade de reflexões desenvolvidas na área da Geografia. Para tanto, utilizamos as informações coletadas a partir das observações realizadas no campo de estudo, entrevistas com os principais responsáveis por esses espaços de sociabilidade e grupo de gays que frequentam estes bares e boates.

Palavras chave: Geografia; Gays; Espacialidade;

Temáticas feministas ao longo da produção do conhecimento geográfico brasileiro, foram desconsideradas por geógrafos heterossexistas como argumenta Silva (2009) ao abordar que desde 70 existe uma crítica na produção científica que aponta a ausência da mulher na ciência geográfica e ganha força na década de 80 e 90 quando incorpora categorias sociais como classe, gênero, raça e sexualidades.

Para buscar maiores fontes de que a produção geográfica no Brasil dentro das temáticas feministas e de gênero são extremamente baixas, realizamos uma breve pesquisa no Banco de Teses da Capes com as três palavras chaves deste resumo: 'Geografia, gays, espacialidade' e obtivemos o resultado de que apenas um trabalho foi publicado dentro dessa temática em 2006, que seria 'A Interiorização da Epidemia de HIV/AIDS e o Fluxo Intermunicipal de Internação Hospitalar na Zona da Mata' de Cláudia Tartaglia Reis, na área de saúde pública. Ela apresenta em seu trabalho a evolução da epidemia do HIV no Brasil e aponta que esse processo tem sido progressivamente disseminado entre as mulheres através de relações heterossexuais sem proteção e que esse crescimento vem atingindo um grande número de municípios distantes dos centros e principais áreas metropolitanas, atingindo aqueles que vivem em comunidades com menos visibilidade. Mas em contrapartida, nos mostra que a terapia antirretroviral vem obtendo grandes

1 Grupo de Estudos – Territoriais Universidade Estadual de Ponta Grossa
2 Grupo de Estudos – Territoriais Universidade Estadual de Ponta Grossa
3 Grupo de Estudos – Territoriais Universidade Estadual de Ponta Grossa

conquistas na oferta do cuidado de saúde. O Objetivo do trabalho de Reis (2006) é Avaliar o processo de interiorização da epidemia de AIDS na região da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais, 1988-2002, bem como o fluxo intermunicipal de hospitalizações.

O espaço urbano, segundo reflexões de Corrêa (1989), é reflexo e condição da sociedade, composto não apenas pelo presente, mas pelas marcas deixadas no passado. Levando também em consideração as preposições que Massey (2008) faz do espaço, quando pensa que este é formado a partir de inter-relações sendo constituído a partir das mais variadas interações, colocado de forma escalar, desde a imensidão global, até o intimamente pequeno. Quando compreende o espaço como uma esfera de possibilidades da existência e multiplicidade. E na sua última e não menos importante preposição, reconhece o espaço como estando sempre em construção.

Através dessas ideias podemos compreender que uma sociedade que reflete a norma heterossexual, condiciona os indivíduos que compõe o espaço a seguir as mesmas normas, e esse condicionamento acontece a partir de um conjunto de regras feitas pela própria humanidade através do tempo. Desse modo, percebemos que a subordinação de grupos, no nosso caso, LGBTs que não se enquadram na sociedade, são devidamente excluídos ou mesmo ignorados, uma vez que não fazem parte das normas, não fazem parte também da sociedade.

Silva (2009) faz discussões baseadas nas obras de Butler(1990, 1993, 2004) e evidencia a importância de ultrapassar o pensamento heteronormativo binário homem/mulher e macho/fêmea uma vez que esse pensamento exclui da sociedade gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis. E ainda articula que as normas do gênero são incorporadas pela sociedade, porém quando são experienciadas sofrem transformações diferentes das impostas pelas normas padrões e afirma que as normas de gênero não são reproduzidas em sua plenitude e sim continuamente transformadas e desconstruídas.

Portanto mais uma vez o pensamento binário é vencido, pois segundo Butler (2006) não existem masculinidades e feminilidades na íntegra. E essa ideia é reforçada no artigo 'Sexuality, the Erotic and Geography: Epistemology, Methodology and Pedagogy' de Binnie (2009) quando o autor discute que ao apontarmos a heteronormatividade, estamos considerando todos os heterossexuais da mesma forma e isso não é pertinente, uma vez que existem diversas identidades sexuais:

A noção de heteronormatividade tende a agrupar todos os heterossexuais juntos na



mesma caixa, e pode mascarar ou ocultar as diferenças entre e dentro das identidades sexuais dissidente das comunidades.

Butler (2003) argumenta que por mais que o sexo pareça de certa forma intratável, em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído, ou seja, performático, e que a construção de gênero independe radicalmente do sexo. Isso intensifica a discussão das experiências da sociedade, pois alteram o binário e vai além ao cruzar com as ideias de espaço de Massey (2008), quando essa aponta em uma de suas preposições que o espaço é uma esfera de possibilidades de existência e multiplicidade.

Se de um lado o espaço é constituído a partir da heterossexualidade, como visto também por Valentine (1993) dentro de instituições, e as extrapolando, de outro lado poderíamos começar a pensar, como sugere Binnie (2009) ao dialogar com (Bell e Binnie 2004; Duggan 2002, 2003) na chamada por ele de homonormatividade, que aparece com direitos políticos de gays e lésbicas, associados ao casamento e ao consumo.

No Brasil, as fronteiras invisíveis, que até então era uma condição permanente, começam a ser transgredidas no momento em que começamos a observar a homonormatividade surgir. E sugiro que o início dessa análise seja a partir do programa do Governo Federal: 'Brasil Sem Homofobia Programa de Combate à Violência e a Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual', que aborda temas como: Direito ao Trabalho, que visa eliminar a discriminação dentro do ambiente de trabalho, desenvolver um programa de sensibilização de gestores públicos sobre a qualificação de gays, lésbicas e travestis para o mercado de trabalho junto ao Ministério do Trabalho; Direito à Educação, que sugere o estímulo a produção de materiais educativos sobre orientação sexual e superação a homofobia, fomentar cursos de formações a professores na área de sexualidade, eliminar de livros didáticos toda e qualquer manifestação de aspecto discriminatórios; Direito a Segurança, que entre outras propostas, não menos importantes, sugere a criação de uma câmara técnica para diagnosticar elaborar e avaliar a promoção de políticas na segurança dos grupos LGBTs.

Pensamos na homonormatividade dentro de instituições, mas pensemos também nela se construindo a partir de bares e boates. Dentro de um determinado campo realizado no dia 03/10/2010 constatou-se que há resistências à presença de pessoas heterossexuais na boate que se caracteriza como sendo próprios de homossexuais. Essa resistência provém do exercício de sexualidades, uma vez que eu pesquisadora mulher, trazia marcas



heterossexuais em meu corpo, e como afirma Louro (2004) o corpo é composto por marcas, símbolos, sinais e códigos que poderão permitir que o sujeito seja reconhecido como pertencente a determinados grupos, que seja incluído ou excluídos de certos espaços. Portanto, podemos afirmar que eu, dentro daquela espacialidade, era o desvio da norma, que no caso era homossexual.

Entendemos que a construção da homonormatividade, seria contrária a construção da heteronormatividade, uma vez que aquela nasce não pelas instituições, mas pelos desviantes da norma que criam resistência de grupo em determinada espacialidade, e em especial, os bares (vide Vieira 2010). As normas heterossexuais são criadas, e determinam um padrão, diríamos que o contrário acontece na norma homossexual, que cria espacialidade e dentro delas padrões que seriam a norma homossexual, para depois virem as normatizações como: direitos e consumo. Diria mais, diria que essa norma, nasce da consequência da pressão exercida por esses grupos, na sociedade em geral, uma vez que essa pressão dá visibilidade aos grupos.

Repensando o espaço e as sociabilidades gays em bares e boates na cidade de Curitiba - PR

Fizemos um recorte que conta com nove espacialidades, sendo elas quatro bares e cinco boates, diferente do primeiro recorte que contava com quatorze espacialidades. O recorte inicial foi feito sem fazer campo apoiado no banco de dados do Grupo Dignidade. Porém após o campo nos deparamos com algumas variâncias, sendo elas positivas e negativas. A primeira delas foi a descoberta de um bar que conhecemos durante um seminário para lésbicas e bissexuais, do qual participamos. O bar não estava dentro desse banco de dados, mas é de grande influência no centro da cidade. E a outra experiência, foi quando nos deparamos com um dos bares da lista, ao este encontrar-se fechado atualmente.

Houve uma mudança também na quantidade de bares e boates LGBTs de Curitiba-PR, para a pesquisa ficar mais rica em relação a nossa vivência nessas espacialidades, pois acreditamos que assim teremos maiores respostas de campo. Fechamos o total de 9 espacialidades, sendo quatro bares e cinco boates.

A cidade de Curitiba-PR conta hoje com uma noite LGBTs bem diversificada, entre bares com o objetivo de ser mais para um bate-papo, com música ao vivo, e boates



com o objetivo de entretenimento por conta de shows de Drags, Strep Tease, e até mesmo show de sexo explícito e cabines eróticas. Essa observação é afirmada no campo em que fizemos a partir do mês de outubro, o qual chegamos a visitar seis das dez espacialidades pré determinadas.

O uso do centro da cidade, como aborda CORRÊA (1989), é um local de concentração de áreas comerciais, áreas de indústrias, áreas de lazer e áreas residenciais, e por essa espacialidade ser fragmentada e articulada, mantém relações uma com as outras. O fluxo de pessoas no centro da cidade de Curitiba é intenso. Podemos entender a partir dessa ideia o motivo da maioria dos bares e boates LGBTs serem localizados nessa área.

A primeira exploração foi no dia três de outubro de dois mil e dez, em uma boate homonormativa, iremos chamá-la de HN e seu entrevistado de Milton. Realizamos entrevista com o Jo e ele nos relatou que a boate possui um público de classe média alta, e a faixa etária é de 20 a 30 anos. O estilo musical é eletrônica Tribal House e a média de frequentadores é de 650 pessoas por noite. Porém a casa já comportou 900 pessoas. Sábado é o único dia de funcionamento da casa que já existe há 10 anos, mas no endereço atual há 3 anos. Desde seu início se apresentou como sendo para o público LGBTTs. Declaramos o bar como sendo heteronormativo, pois como disse Jo, 95% do público, era constituído por gays e foi nessa mesma espacialidade que me senti deslocada por não corresponder a norma.

A segunda exploração foi realizada no mês de Janeiro de 2011 em um bar que chamaremos de 'Jardim', pois o mesmo tem um belo jardim de inverno e seu entrevistado chamaremos de Roberto. O bar é de classe média, bem diversificado no público, pois como disse Roberto, o 'Jardim' é frequentado por cabeleireiros, médicos, advogados e jornalistas. A faixa etária do bar é a partir dos vinte anos. A média de frequentadores é de cinquenta pessoas por noite e a casa funciona de segunda a sábado. Segundo Roberto, a casa existe a 10 anos e desde então se apresenta com LGBTs.

A terceira entrevista foi realizada no mesmo mês que a do bar 'Jardim'. Essa boate chamaremos de 'Dark', e o entrevistado de Yi-Fu. Na 'Dark', uma das características mais marcantes é o fato de conter o maior Dark Room da cidade, e daí o surgimento do nome fictício. É uma boate 100% LGBTs, porém abriga um público 'mix' como disse Yi-Fu, referindo-se ao fato da casa receber um grande número de heterossexuais, porém a maioria dos frequentadores é do sexo masculino. A casa existe desde 2001, e caracteriza-se desde o

princípio como LGBTs. O estilo musical da 'Dark' é eletrônico, que segundo Yi-Fu, é um dos atrativos para o público heterossexual. A média de frequentadores é de duzentas pessoas por noite e a faixa etária vai dos dezoito aos quarenta anos. A 'Dark' funciona de quinta a domingo.

A quarta e última entrevista realizada com proprietários, foi também com Yi-Fu, pois o mesmo é um dos responsáveis pela 'Princípio'. Escolhi esse nome justamente pela boate ter sido uma das primeiras a se apresentar como, na época, 'para gays'. A boate nasceu em 1981 e depois disso teve vários donos e locais. A casa funciona apenas dois dias na semana, sexta e sábado, tem um público um pouco mais maduro, com a faixa etária de 25 a 50 anos com uma frequência de 1.000 à 1.200 pessoas por noite. O poder aquisitivo do público é classe média alta. O estilo de música é bem diversificado, enquanto em uma pista está tocando somente eletrônico, na outra toca axé, pagode, funk, vanerão, 'bate cabelo', o que ele identifica como música de Drag.

Após as entrevistas com os proprietários, partimos para mais observações de espacialidades. A primeira delas foi na boate 'Pink'. Já na fila de entrada existiam duas Drags animando as pessoas que esperavam em média 25 minutos para entrar, mas também reparamos que algumas pessoas que passavam por ali usavam frases do tipo 'aqui é lugar de viado'. Quando finalmente entrei, me deparei com dois palcos; o primeiro com uma mulher de roupas íntimas e o segundo com um homem nas mesmas condições. Eu que achava que era bem desconstruída, tive um certo tipo de constrangimento quando vi, principalmente a mulher, que dançava no primeiro palco rodeada de homens e mulheres.

O que nos chamou muita atenção na 'Pink' foi o fato da boate ser frequentada por um grande público de travestis, diferente das demais que observamos.

Após uma longa observação no primeiro piso, resolvemos acompanhar o público que subia as escadas para o segundo, ouvindo uma música mais alta vinda do mesmo. Era a apresentação do DJ, uma das atrações da noite. Percebia que as pessoas se sentiam muito à vontade dentro daquela espacialidade, alguns dançavam descontraídos em cima de um palco que se encontrava no meio da pista de dança, com grades ao entorno, o que dava impressão de uma gaiola.

Com a vivência da pesquisadora, podemos declarar que os grupos que frequentam a 'Pink' se sentem livres para se comportar da maneira que acham condizente, pois lá todos os espaços podem ser ocupados sem normas, as pessoas podem subir nos palcos, os

homens, tirar a camisa, as mulheres erguer seus vestidos, as travestis dançar da forma que achem melhor.

Ficamos uma média de quinze minutos na frente da boate esperando um táxi, e nesse período, um carro com duas mulheres parou na frente da boate e me ofereceu carona, insistiram e eu neguei. Depois disso percebi que vários carros passavam na boate bem devagarzinho, como se procurassem alguém. E outro fato foi que duas travestis tiveram uma conversa rápida com o motorista de um carro, o qual logo saiu e elas pegaram um táxi e saíram em seguida. Gostaria apenas de ressaltar que na rua ao lado da boate é território de prostituição.

No bar 'Osório', a fachada não denuncia o que lá acontece. Quem passa na frente do bar pensa ser uma espacialidade heterossexual, voltada para o público masculino. Porém o que acontece é que o bar é voltado para grupos de gays e travestis, no entanto o número de lésbicas não é nulo.

Na espacialidade não tem nenhuma banda ao vivo, ou DJ, mas tem uma máquina de música que dá autonomia musical para o bar. No período em que eu estive presente tocou de Lady Gaga a Pink Floyd. Isso nos mostra que o público LGBTs é profundamente heterogêneo e o fato de compartilharem uma identidade homossexual não faz com que as espacialidades sejam homogêneas.

O 'Osório' é uma espacialidade peculiar, pois o funcionamento noturno é completamente diferente do diurno. Durante o dia o bar serve almoço, e como disse um dos garçons 'até os filhos do dono vão ao bar, e se chega algum gay e fica se agarrando com outro ele pede pra subir ou diminuir, pois àquele horário o bar é um bar de família'.

O próximo bar, darei o nome de 'Alternativo', pois o público que frequenta a espacialidade o identifica como tal. É um bar que abriga tanto o público LGBTs, como o público heterossexual.

O público é composto por jovens, e as lésbicas tem uma visibilidade maior do que os outros bares e boates que visitei, porém o grupo não é destaque no bar. Percebemos também que a maioria dos frequentadores são de classe média alta.

A música do bar é o Rock Alternativo, mas passa também pela Eletrônica. A música, além da decoração, é o principal fator que dá esse caráter alternativo ao bar.

Considerações Finais

Há muitas categorias sociais que cruzam a sexualidade como o gênero, como por exemplo a classe de renda, a idade e gostos musicais. Essas diferenças partem das espacialidades, que no caso são elementos de suas sociabilidades. Podemos observar esse apontamento, quando temos boates que abrigam dark rooms e pista de danças, ou bares que tem a perspectiva de criar um ambiente de sociabilidade mais aconchegante, uma vez que comportam jardins de inverno e música ao vivo do gênero MPB.

A produção do conhecimento geográfico, há muito não abre os olhos para os indivíduos que produzem espaço urbano, tornando-os assim grupos invisíveis. Porém esses grupos, a cada dia mostram para a sociedade que eles existem. A prova disso são os indicativos de programas da ABGLT em parceria ao Governo Federal contra a Homofobia e projetos para educação com o intuito de quebrar esse preconceito, ou nem chegar a reproduzi-lo na espacialidade escolar. Vejo nesses planos um início gritante da homonormatividade no Brasil, pois os mesmos procuram dar direitos para os grupos que não correspondem a norma heterossexual. Mas eu também vejo além, penso que um dia as duas normas estarão dando direitos iguais a todos cidadãos e cidadãs brasileiras, e por conta disso teremos um país horizontal, que respeitará as diferenças e conviverá de maneira normal com elas.

Referências Bibliográficas:

CORRÊA, Roberto Lobato, **O Espaço Urbano** 1ª Ed - Rio de Janeiro; Bertrand Brasil Ltda, 1989.

BINNIE, Jon, **Sexuality, the Erotic Geography: Epistemology, Methodology and Pedagogy**, England: Ashgate Publishing Limited, 2009

BUTLER, Judith; BECK-GERNSHEIM, Elizabeth; PUIGVERT, Lidia **Women and Social Transformation..** New york. Peter Lang. 2003.

LOURO, Guacira Lopes, **Um Corpo Estranho: Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte. Autêntica. 2004.



MASSEY, Dooren, **Pelo Espaço Uma nova Política da Espacialidade**. 1ª Ed – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil Ltda. 2008.

ORNAT, Marcio Jose. Sobre espaço, gênero, sexualidade e geografia feminista, **Terr@ Plural**. v. 2, n. 2, 2008. p. 309 – 322.

REIS, Cláudia Tartaglia. **A Interiorização da Epidemia de HIV/AIDS e o Fluxo Inter municipal de Internação Hospitalar na Zona da Mata, MG: uma análise espacial**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2006

VALENTINE, Gill. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces'. **Environment and Planning D: Society and Space** 11, pp. 395-413.

VIEIRA, Paulo Jorge, Aeminiumqueer, a Cidade Armário: Quotidianos Lésbicos e Gays em Espaço Urbano In **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Vol. 1, No 1 2010.

SILVA, Joseli Maria, Ausências e Silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In **Geografia Subversivas: Discurso sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa; Editora Toda Palavra, 2009